

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER EM *SENHORA* DE JOSÉ DE ALENCAR

Gabriella Gomes da Fonseca¹
Orientador: Prof. Davi Santana de Lara²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a representação social da mulher no século XIX em *Senhora* de José de Alencar, levando em consideração as questões sociais que se destacavam na sociedade carioca, tal como representada no romance. Nota-se que o romance, apesar de ser uma história ficcional, apresenta alguns aspectos que se assemelham à realidade. Como, por exemplo, as condições e vivências da mulher, a desigualdade social, o amor romântico na educação das mulheres burguesas, o casamento por interesse etc. O método de pesquisa utilizado foi a revisão bibliográfica, qualitativa, com a releitura do romance e leituras de artigos científicos e livros de autores que contribuíram para este estudo. Um desses autores é Antonio Candido (2006), que teve grande valia com suas obras, que ajudaram a fazer a relação entre literatura e sociedade, e também sobre a importância da crítica literária que opina e analisa os dados internos da obra para depois relacionar com meio social. Já a autora Maria Ângela D'Incao (2004) contribuiu em mostrar a vida das mulheres ricas e burguesas no século XIX, sobre o papel da mulher de serem boas mães e esposas cuidadoras dos filhos e do lar. Os demais autores, Borges (2012), Drummond (2014), Aguiar e Costa (2011), ajudaram com suas ideias a respeito do romance e as vidas dos personagens, principalmente as atitudes deles. Concluímos, com este artigo, que o autor faz uma crítica ao casamento por conveniência e também à educação romântica das mulheres.

Palavras-chave: José de Alencar, *Senhora*, Amor romântico, Representação feminina.

Abstract: This article aims to analyze the social representation of women in the 19th century in *Senhora* by José de Alencar, taking into account the social issues that stood out in Rio society, as represented in the novel. Note that the novel, despite being a fictional story, has some aspects that resemble reality. Such as, for example, the conditions and experiences of women, social inequality, romantic love in the education of bourgeois women, marriage for interest, etc. The research method used was a bibliographic, qualitative review, with a re-reading of the novel and readings of scientific articles and books by authors who contributed to this study. One of these authors is Antonio Candido (2006), who had great value with his works, which helped to make the relations between literature and society, and also about the importance of literary criticism that opines and analyzes the internal data of the work to later relate to social environment. The author Maria Ângela D'Incao (2004) contributed to show the life of rich and bourgeois women in the 19th century, on the role of women to be good mothers and wives who care for children and the home. The other authors, Borges (2012), Drummond (2014), Aguiar and Costa (2011), helped with their ideas about the novel, and the lives of the characters, especially their attitudes. We conclude with this article, that the author criticizes marriage for convenience and also the romantic education of women.

Keywords: José de Alencar; *Senhora*; Romantic love; Female representation.

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Inglês e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) Unidade Universitária de Posse-Goiás, e-mail: gabyzinhagomes22@gmail.com.

² Professor do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária de Posse-GO, e-mail: laradavi2@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pertence à linha dos estudos literários e analisará a obra de José de Alencar *Senhora*, tendo como o tema a representação da mulher dentro de uma perspectiva social, considerando as suas condições, sejam elas financeiras ou afetivas. Portanto, o objetivo principal deste artigo é analisar o comportamento da sociedade burguesa brasileira baseada em práticas e costumes vigentes do século XIX, principalmente no que diz a respeito às condições da mulher. Pretende-se, ainda, estudar e determinar as características do amor romântico relativas ao comportamento da protagonista Aurélia Camargo. Vale ressaltar que esse amor era muito valorizado pelas mulheres burguesas da época, tendo como base a constituição da família, tornando mulheres zelosas e cuidadoras do lar. Costumes e convenções que as moças donzelas e burguesas recebiam através de uma educação patriarcal.

José de Alencar, um dos principais escritores da literatura nacional, grande nacionalista e um dos maiores representantes do romantismo brasileiro, nasceu em 1829 e morreu em 1887 aos 48 anos vítima de tuberculose. Exerceu a profissão de advogado e jornalista, trabalhou com vários escritores e atuou na área da política. Ele se destaca pela performance de suas obras muito populares, autor de obras do gênero romance, *Senhora* se enquadra no romance urbano, que por meio da ficção, isto é, da invenção de uma história, que se passa no Brasil do século XIX, ele acaba descrevendo certos aspectos do funcionamento da sociedade. O romance conta a história de uma personagem cujo nome é Aurélia, uma jovem meiga, pobre e modesta, que preza pelo “amor romântico” e acaba sendo decepcionada e rejeitada pelo seu namorado, rapaz interesseiro que a troca por outra moça milionária e bem-sucedida. O enredo tem temática que critica o casamento burguês devido aos grandes dotes que eram oferecidos na sociedade carioca de então.

Segundo Candido (2000), a obra de José de Alencar divide-se em três vertentes: Alencar das mocinhas, dos rapazes e Alencar dos adultos. Nos romances de galanterias, considerado o Alencar das mocinhas, as personagens de destaque são sempre as mulheres, pois falam das aventuras amorosas, algo mais romântico porque descreve a história de rapazes e moças que se

apaixonam. Já os romances heroicos, com temas de aventuras, destacam mais os personagens masculinos pela sua força e bravura. Sendo assim, há entre esses dois romances uma desigualdade de gênero, pois direcionam-se para homens e mulheres separadamente. *Senhora* pertence à categoria do romance adulto, pois ele escreve algo que retrata a sociedade de uma forma mais ampla, tanto para as mulheres quanto para os homens, os dois ficam em igualdade no sentido de que ambos são protagonistas.

De acordo com Cândido (2000):

Como quase todo romancista de certa envergadura, há em Alencar um sociólogo implícito. Na maioria dos seus livros, o movimento narrativo ganha força graças aos problemas de desnivelamento nas posições sociais, que vão afetar a própria afetividade dos personagens. As posições sociais, por sua vez, estão ligadas ao nível econômico, que constitui preocupação central nos seus romances da cidade e da Fazenda. (CÂNDIDO 2000, p. 204).

Conforme a citação acima, nota-se que Alencar faz uma análise social e traz os problemas sociais para dentro da obra, refletindo tudo isso na vida dos personagens. Em seu livro, percebemos a presença de ironia e sarcasmo, idealização da mulher através de Aurélia, caracterizada com mulher bonita, sensual, atraente e rica. O autor deixa bem claro para o leitor sobre a questão da divisão social, configurada através de personagens como Aurélia, Fernando Seixas e Adelaide, destacando a alta sociedade, a elite, com aparições luxuosas, mas também enfatizando a pobreza das classes sociais menos favorecidas. Embora Aurélia, outrora pertencente à classe pobre, seja representada como uma moça humilde, torna-se agora uma jovem fria e calculista, e totalmente insensível depois de enriquecer mediante o recebimento de uma herança de seu avô. Isso faz com que ela seja vista com outros olhos na sociedade, justamente pelo fato de se tornar uma mulher empoderada com muitos dotes, de uma beleza encantadora. Adelaide Amaral, que foi noiva de Seixas, é uma jovem rica, poderosa, e possuía muitos bens e um bom dote, mulher bem-vista e representada na corte.

Por fim, este artigo intitulado “A representação social da mulher em *Senhora* de José de Alencar” discutirá sobre as mulheres de famílias ricas burguesas. Abordaremos como a obra apresenta o amor romântico idealizado e o

comportamento feminino diante de uma sociedade calculista e baseada em aparências, como o casamento visto como “negócio”, e refletiremos sobre as “questões sociais” que são evidentes na obra. Pode-se notar o grande “conflito” entre amor, pobreza e riqueza, que compõe a representação social da mulher de um modo geral.

2 LITERATURA E SOCIEDADE: AMOR ROMÂNTICO NO SÉCULO XIX

De acordo com Candido (2006), a crítica literária deve ser feita primeiro através da análise dos dados internos da obra, e só depois relacioná-los com a sociedade. Isso nos leva a observar o ambiente em que se passam os acontecimentos da narrativa, analisando os comportamentos dos personagens, o fator social. Assim, é preciso, antes de estabelecer a relação da literatura com a sociedade, buscar entender a intimidade das obras e tudo aquilo que é evidente dentro das suas particularidades, analisando as características do texto, que nos leva a valorização positiva ou negativa da obra e da maneira que o autor apresenta suas ideias.

Ainda segundo Candido (2006), as obras literárias têm uma ligação com a sociedade desde os tempos antigos aos dias atuais. Sendo assim, a literatura envolve o mundo real através de práticas, produções, artes, muitas das vezes inserindo o meio social, com seus diferentes grupos, no interior do mundo ficcional, que é repleto de acontecimentos e sentimentos criados pelo próprio autor em seu imaginário.

Depois, ele faz uma reflexão sobre a relação da literatura e sociedade, afirmando que o fator externo “importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura” (CANDIDO 2006, p. 13), isto é, ele se torna interno, pois está ligado à estruturação da obra e às influências das ideias do autor.

Outro aspecto da relação entre literatura e sociedade é a relação autor, obra e público.

[...] O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem

enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. (CÂNDIDO, 2006, p. 47).

Conforme foi citado acima, é para o público que o autor vai dirigir sua própria obra, pois ele vai se espelhar na realidade do público ao qual será dirigido, muitas das vezes destacando certos problemas sociais, políticos e econômicos. Isso acontece a partir do momento em que os dados internos da obra se refletem na realidade da sociedade.

Candido também diz que *Senhora* “possui certas dimensões sociais evidentes, cuja indicação faz parte de qualquer estudo, histórico ou crítico: referências a lugares, modas, usos; manifestações de atitudes de grupo ou de classe; expressão de um conceito de vida entre burguês e patriarcal” (CANDIDO 2006, p. 10). Desse modo, são justamente esses aspectos que a obra nos apresenta, uma sociedade de modos e costumes que podem ser notados devido à atitude comportamental dos personagens. Esses são apenas alguns dos aspectos que a obra apresenta da sociedade. Além deles, há a própria estrutura do romance, como a divisão dos capítulos, a dinâmica das relações entre Aurélia e Seixas, e a linguagem.

José de Alencar consegue nos mostrar, através de seu romance urbano *Senhora*, a representação de uma sociedade dotada de costumes, que era o casamento como negócio, uma vida baseada em aparências, fazendo uma crítica da sociedade carioca no século XIX, referindo-se especialmente à função da mulher e como ela era representada.

Outro aspecto importante a ser abordado é que as mulheres burguesas no século XIX eram educadas e pensadas para o casamento. Não existiam outras opções para elas, e jamais poderiam ser profissionais liberais como nos dias atuais, em que a mulher adquiriu mais liberdade de ser e buscar o que ela realmente quer, como trabalhar fora de casa, estudar, conquistar seus objetivos e se tornar independente. Embora as mulheres mais pobres necessitassem do trabalho árduo, as de família burguesa se destacavam na sociedade da corte pela situação financeira bem abastada.

Sendo assim, é pertinente notar como a figura da mulher se destaca dentro

da estrutura da obra, procurando entender quais são seus desejos, sentimentos, e analisando o fato da personagem Aurélia ascender socialmente e quais são suas “atitudes desviantes” diante do contexto social.

De acordo com D’Incao (2004), o casamento para as mulheres ricas e burguesas era visto como uma forma de ascensão social, isto é, a possibilidade de subir de degrau na sociedade e adquirir status. Apesar de os romances da época mostrarem que o casamento era motivado pelo amor, na verdade era uma grande enganação, pois na prática se dava mais valor ao dinheiro do que ao amor, formando assim uma sociedade que vivia de aparências. As mulheres que eram casadas tinham a função de dedicar-se ao lar e ao esposo, cuidando da educação dos filhos, sendo boas mães e esposas protetoras do lar. As mulheres da elite, classe social dominante, marcavam presença em diversas ocasiões e eventos da sociedade, como os grandes bailes, teatros, comportando-se de maneira educada e atraindo os olhares da alta sociedade.

Ainda convém lembrar que a condição da mulher naquela época era totalmente submissa aos homens, pois ela dependia do seu pai e futuramente do seu esposo, e devia atender aos seus desejos e suas vontades. Toda a autoridade familiar estava sobre as mãos deles, e, apesar disso, o dever das mulheres era de serem boas esposas e mães. Como diz D`Incao (2004):

Convém não esquecer que a emergência da família burguesa, ao reforçar no imaginário a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e com os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo reserva para a mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. (D`INCAO, 2004, p. 240).

No entanto, essa era a educação que as mulheres recebiam de seus pais. Muitas dessas moças tinham em mente a valorização do amor romântico, e acreditavam encontrar alguém para elas se casarem e que fossem felizes. A mulher romântica cultivava suas vontades e desejos, por meio dos quais criavam expectativas por alguém para amá-la, como no caso de Aurélia Camargo ao se apaixonar pelo seu namorado, isso é, ela buscava um encontro de almas, pois acreditavam que o amor era à base de tudo. Só que isso, na verdade não era muito valorizado em uma sociedade capitalista com interesses financeiros, desigualdade social, os grandes dotes. Além disso, existia o costume do pai das

moças ricas se encarregar de arranjar um marido para suas filhas, isso distanciava cada vez mais do amor romântico que existia apenas na cabeça e no coração das mulheres.

Vejamos algumas ideias expressa por D`Incao (2004):

O amor parece ser uma epidemia. Uma vez contaminadas, as pessoas passam a suspirar e a sofrer ao desempenhar o papel de apaixonados. Tudo em silêncio, sem ação, senão as permitidas pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever e sofrer. Ame-se, então, um conjunto de ideias sobre o amor. (D`INCAO, 2004, p. 245).

Percebe-se que, para as mulheres de classes menos favorecida, era quase impossível encontrar pretendentes, logo, elas tinham apenas a possibilidade de amar alguém com a mesma condição social. Ao analisar o romance, nota-se a importância do dinheiro na sociedade; Alencar chama atenção do leitor para determinadas práticas ocorridas dentro da sociedade burguesa. É perceptível que o casamento é visto como um “negócio” ou como uma forma de “ascensão social”, embora aparentasse ser por amor.

Percebe-se que no romance a personagem Aurélia se revolta contra Seixas pelo fato de seu amor não ter sido correspondido, isso lhe casou uma profunda dor e tristeza, pois havia sido trocada por outra mulher com boas condições financeiras. De acordo com Borges (2012, p. 292):

Para Aurélia, o abandono pelo namorado, não por amor a outra mulher, mas pelo dote daquela, constituía na degradação moral do sujeito amado e esse era “seu crime”, assassinava “um coração que Deus criou para amar, inculcando-lhe a descrença e o ódio”.

Ao analisar a figura feminina representada pela personagem Aurélia Camargo, percebe-se que, ao se tratar de amor, o romance passa por diversas reviravoltas, pois existe um combate entre os sentimentos amorosos e os desejos materiais. Ideia expressa por Aguiar (2011, p. 98):

Porém, no enredo podemos ver um choque entre o mundo do amor idealizado, insensível e desejo e a experiência decepcionante, o apego ao material, o instinto demoníaco e ironicamente invertido e repulsivo, estando Aurélia, sempre, preocupada em mostrar sua superioridade financeira, mas buscando realizar seus sonhos.

Inicialmente, Aurélia é caracterizada como uma mulher humilde, simples, conservadora e cheia de sonhos em busca do amor ideal. Já seu namorado e futuro cônjuge é interessado em encontrar alguém capaz de mantê-lo financeiramente e bem-sucedido. É perceptível como toda situação vivenciada por Aurélia, como a rejeição do namorado, foi capaz de modificar seu comportamento. Aquela mulher, que outrora tinha sido decepcionada e traída, passa a se comportar como uma mulher dominante, capaz de despertar a admiração de todos da sociedade por causa da sua postura sedutora, deixando todos encantados com sua formosura, determinação e riqueza.

Observa-se que, o sentimento de Aurélia diante dessa realidade pode ser comparado com o de muitas mulheres que sofrem a decepção e a traição, de amar e não serem retribuídas da mesma forma. Sendo assim, é necessário fazer uma comparação entre o amor romântico e a questão do dinheiro. Então, podemos arriscar a hipótese de que a revolta da protagonista não é pelo fato de ter sido abandonada, mas por Fernando traí-la trocando-a por um dote de cem mil réis.

3 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER

Este artigo tem como finalidade analisar a representação social da mulher dentro da obra *Senhora*, a começar por Aurélia. Para entender com mais clareza, vamos comentar algumas etapas da vida da personagem principal do romance, pontuando alguns aspectos da vivência das mulheres do século XIX. Aurélia é caracterizada como uma moça bonita e pobre, que vivia com sua mãe e a ajudava nos afazeres do lar. Em certo momento da trama, ela se apaixona intensamente por Fernando Seixas, rapaz ambicioso; ele não era rico, mas se destacava na sociedade da corte com sua elegância e educação.

Sendo assim, Aurélia acaba se decepcionando pelo fato de ter sido traída por uma mulher rica. Esse era o grande desejo do seu namorado: casar-se com alguém que tivesse boas condições de vida para garantir um bom futuro para ele,

sua mãe e suas irmãs. Já ela, além de pertencer à classe social menos favorecida, era mais uma dessas moças que acreditava e sonhava com um grande amor em uma sociedade em que os casamentos eram arranjados como uma forma de elevação de status social. Prática muito comum nessa época.

Deste modo, ser uma moça pobre era um grande impedimento para o casamento, pois as condições da mulher desta posição social não permitiam que elas fossem candidatas competitivas devido ao dote que deveria ser pago para os pretendentes, como aconteceu com Aurélia antes de ser herdeira da fortuna do seu avô. Convém lembrar que não só ela, mas também existem outras personagens femininas no romance com as mesmas condições que ela, como, por exemplo, Nicota Seixas e Mariquinha Seixas, irmãs de Fernando. Moças de classe menos favorecida, eram dedicadas exclusivamente ao trabalho árduo para manter o irmão com uma boa aparência; apesar de solteiras, era quase impossível acharem pretendentes porque eram pobres, já que receberam uma educação de sua mãe que “não fazia donzelas românticas, preparava a mulher para as sublimes abnegações que protegem a família e fazem da humilde casa um santuário” (ALENCAR, 2012, p. 47).

Daí, então, surge o problema, a questão da divisão social. As mulheres que eram casadas tinham a função de se dedicar ao lar e ao esposo, cuidando da educação dos filhos, sendo boas mães e esposas protetoras do lar. As mulheres da elite, classe social dominante, marcavam presença em diversas ocasiões e eventos da sociedade, como os grandes bailes, teatros, comportando-se de maneira educada, e atraindo os olhares da alta sociedade. No entanto, as coisas públicas eram sempre direcionadas aos homens, sendo que as atividades domésticas eram voltadas para as mulheres.

Como diz D’Incao (2004, p. 239):

O Casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do status (ainda que os romances alentassem, muitas vezes, uniões “por amor”). Mulheres casadas ganhava uma função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana.

Então, a partir disso, a personagem principal sofre, encontra-se repleta de

amargura por ser rejeitada para o matrimônio porque era pobre, e a mágoa destrói toda a paixão profunda dela por Fernando. Neste caso, faz com que ela alimente o sentimento de vingança por causa do abandono, transformando-a em uma mulher fria e dominante. Logo após o falecimento de sua querida mãe, Aurélia se distânciava por um pequeno período da sociedade e passa a viver na companhia de Dona Firmina, que era sua parenta, planejando como seria seu futuro, já que não tinha mais a companhia de sua mãe e muito menos daquele a quem havia entregado seu coração.

Se o lindo semblante não se impregnasse constantemente, ainda nos momentos de cisma e distração, dessa tinta de sarcasmo, ninguém veria nela a verdadeira fisionomia de Aurélia, e sim a máscara de alguma profunda decepção. (ALENCAR, 2006, p. 18).

Aurélia, diante de toda essa reviravolta, decide seguir sua vida e ressurge na sociedade fluminense nos maiores e mais luxuosos bailes, nos quais encontravam-se os grandes políticos e poetas da época. Agora rica após uma inesperada herança do seu avô, provoca suspiros e atrai a atenção de todos por causa de sua beleza sedutora. Aquela que outrora ninguém ouvira falar, ou cortejara.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante. (ALENCAR, 2006, p. 17).

Alencar descreve os detalhes e as características de Aurélia como um ser angelical, daí, então, pode-se dizer que ele a idealiza como um ser perfeito a “mulher-anjo”, mas no semblante dela era perceptível o desprezo, decepção.

Sombreia o formoso semblante uma tinta de melancolia que não lhe é habitual desde certo tempo, e que não obstante se diria o matiz mais próprio das feições delicadas. Há mulheres assim, a quem um perfume de tristeza idealiza. As mais violentas paixões são inspiradas por esses anjos do exílio. (ALENCAR, 2006, p. 21).

Nota-se que, no decorrer da obra, Aurélia é sempre descrita e destacada

pela sua beleza, sua postura, a maneira como ela age e pensa, mulher belíssima e sedutora, tudo nela era perfeito, ao ponto de se diferenciar das outras mulheres. Os homens não se cansavam de admirá-la, todos queriam disputá-la além de ser rica, agora também possui dotes, e humor sarcástico.

Alencar constrói uma personagem praticamente idealizada, ou seja, que vai ao encontro dos ideais do movimento romântico que buscava a perfeição feminina sob todos os pontos de vista. Nesse sentido, Aurélia era, segundo a descrição de Alencar, alguém cuja beleza é reconhecida pela sociedade carioca. Disputada por quase todos os homens de sua época, a protagonista possui o corpo ideal, assim como o rosto, os cabelos, em suma: era belíssima e sabia fazer uso discreto e sutil de sua sedução. Além do mais, tornou-se rica. Numa sociedade em que os famosos dotes, de certa forma, determinavam os casamentos, Aurélia, realmente, era uma mulher muito disputada entre os homens da sociedade carioca. (BAPTISTA, 2006, p. 8).

A bela moça de 19 anos, ao ascender socialmente, estabelece preços a todos os pretendentes que a desejavam, mas tem consigo uma ideia fixa, que era a de se casar com Seixas, isso era inevitável para ela, ao ponto de comprá-lo para ser o próprio marido, aquele que no passado havia ignorado todo amor que sentia por ele.

É um moço muito distinto, respondeu Aurélia sorrindo; vale bem como noivo cem contos de réis; mas eu tenho dinheiro para pagar um marido de maior preço, Lísia; não me contento com esse. Riam-se todos destes dotes de Aurélia e os lançavam à conta de gracinhas de moça espirituosa. (ALENCAR, 2006, p.19).

Todavia, é evidente que há no romance um grande “conflito” entre o “amor”, pobreza e riqueza, o que remete ao relacionamento não só entre Fernando e Aurélia, como também entre Fernando e Adelaide Amaral, a qual foi sua noiva. Ela era rica, porém não o amava de verdade, seu pai Tavares do Amaral, com poder do famoso dote, comprou o homem que era comprometido com uma mulher que levava consigo os seus valores éticos e sentimentos que o dinheiro jamais era capaz de comprar. Isso era hábito na sociedade, os romances diziam ser por amor, mas não era bem assim.

Esquece que desses dezenove anos, dezoito os vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza para onde fui transportada de repente. Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miséria e a da

opulência. (ALENCAR, 2006, p. 33).

Digamos, retomando *Candido*, que o autor tem um sociólogo implícito dentro da obra *Senhora*, pois ele consegue de modo muito claro e objetivo mostrar ao leitor a realidade através do comportamento de seus personagens: as questões sociais, interesses econômicos etc. Desmascarando uma sociedade que vivia de aparências, ele critica esses costumes dessa época. Apesar de ser uma obra fictícia, o romancista consegue assemelhar a vida real, utilizando elementos e descrições que dão sentidos ao texto, por meios como a “análise psicológica”, marco cronológico com lugares e personagens variadas, dentre outros.

Quanto ao casamento, Aurélia Camargo posiciona-se de tal forma, mostrando-se decidida e independente, capaz de saber o que realmente quer, já que tem uma fortuna só para ela. Então, encarrega seu tio, Sr. Lemos, seu tutor, de comprar um marido para ela, revelando que queria o casamento dela com Fernando. Ele nem imaginava que estava sendo disputado pela mulher que um dia ele deixou. “É a minha vontade. O senhor não sabe o que ela vale, mas juro-lhe que para a levar a efeito não se me dará de sacrificar a herança de meu avô.” (ALENCAR, 2006, p. 33).

Com isso, Seixas é comprado por Aurélia para ser seu próprio marido, casam-se depois de meses do contrato do negócio, e passam a vivenciar uma vida juntos. Finalmente ela pode chamá-lo de seu, mas ao mesmo tempo existe “um turbilhão de sentimentos inquietantes que lhe aflige a alma, diuturnamente”. (AGUIAR; COSTA, 2011, p. 104).

Nesse sentido, D'Incao (2004) afirma sobre "a casa burguesa" que os homens eram totalmente dependentes das mulheres, isto remete à relação de Seixas com a mãe e as irmãs dele, e com Aurélia. Ele dependia de suas irmãs e de sua mãe que trabalhavam duro nos afazeres domésticos e costuras para poder mantê-lo em seus luxos, para ser um rapaz charmoso e vistoso no mercado matrimonial. Elas faziam de tudo por ele, davam tudo em suas mãos, tinham muito amor e carinho pelo irmão. Por conseguinte, como casado com Aurélia, diante do público, amigos, comportavam-se perfeitamente, trocavam carinhos e gentilezas, quando na verdade, quando estavam sozinhos, trocavam palavras ofensivas, insultos. Ele então se sentia extremamente humilhado e totalmente

controlado por sua esposa, tornando-se assim seu escravo, e ela tornara-se agora sua senhora.

Escolher uma pessoa para se casar era o grande desejo de Aurélia, ela ainda amava Fernando, por isso resolveu comprá-lo, porém, estava preenchida pelo seu orgulho, não esquecera o quanto sofreu desde o seu abandono, então ela cogita sobre sua suposta felicidade, casando-se com o homem que a traiu.

Como objeto representativo do seu poder de aquisição Aurélia paga sua suposta felicidade. O casamento com Fernando Seixas. No entanto, esse casamento não se consuma mantendo-se virgem mesmo depois da assinatura deste "contrato". Seixas mesmo no auge da sua humilhação deixa-se envolver pelo fascínio da mulher que tenta resistir até o final. (AGUIAR; COSTA, 2011, p. 98).

Um aspecto marcante é que as mulheres do século XIX deveriam manter sua virgindade antes do casamento e posteriormente ser fiel aos seus maridos. “A virgindade feminina era um requisito fundamental” (D`INCAO, 2004, p. 245). Neste sentido, Aurélia torna-se uma mulher inteligente, de personalidade forte, além de ser dominadora, mostra-se segura e decida com suas atitudes. Deste modo, ela é representada como mulher extraordinária e graciosa.

Seixas se encontra submisso a sua esposa, passa a vivenciar o castigo de Aurélia, realizando suas vontades e manipulações, ele na posição de “homem vendido”, e ela de “mulher traída”. Ele declara seu amor por ela, mas, ela direciona palavras de insultos e ofensas contra Seixas.

Mas é tempo de pôr termo a esta cruel mistificação, com que nos estamos escarnecendo mutuamente, senhor. Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido.

— Vendido! exclamou Seixas ferido dentro d'alma.

— Vendido sim; não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda minha riqueza por este momento. (ALENCAR, 2006, p. 88).

Mediante o exposto, a personagem central do romance intimida Fernando incorporando o perfil de mulher que decide e impõe rumos a serem seguidos. Percebemos essa luta constante de mudanças de comportamento, “ser divino” e o “ser diabólico”.

De acordo com Aguiar e Costa (2011), ao mesmo tempo em que ela sente vontade de se vingar do marido, sente a intensidade do amor que aflige seu coração. Nesse conflito, o próprio autor evidencia que os pensamentos e ações de Aurélia são confusos e profundos, pois ela se deixa levar pela força de seu orgulho e dor, mas mesmo assim entrega sua alma a este mesmo homem humilhado, unindo suas vidas.

Fernando Seixas, não compreende certas atitudes de sua esposa, às vezes era dócil, encantadora, mas logo voltava com suas ofensas e ironia, a fisionomia de mulher feliz se desmanchava em questão de segundos, isso o feria no fundo de sua alma, perante esta situação ambos vivia uma vida de aparências. Quanto sofrimento causou um ao outro esse casamento!

Apesar da angústia e das situações humilhantes que Seixas passara em sua vida sendo escravo de sua senhora, ele vai em busca de sua liberdade, trabalhando com sua própria dependência para conseguir devolver o dote a Aurélia e recupera a dignidade que perdera ao longo tempo. Isso se realiza e em pouco tempo consegue o dinheiro, pois ele queria ser liberto deste grande tormento que estava vivendo. Apesar disso tudo, ainda amava sua esposa, jamais amou outra mulher além dela.

É indescritível o amor que Aurélia tem por Fernando, ela se encontra sufocada em seus próprios sentimentos. Ao notar a mudança em seu marido, estavamais cuidadoso, atencioso, sentia que ainda havia amor entre os dois, mas suas emoções falavam mais forte, entrando em desespero, com medo de perdê-lo para sempre de sua vida. O romance apresenta uma reviravolta, mesmo havendo desentendimentos amorosos, diferenças de classe sociais, ele apresenta um final feliz, pois no final o amor vence e supera tudo. Percebemos aqui que o amor romântico vence todas as barreiras sociais e a visão crítica da sociedade e os costumes do casamento como negócio.

Aurélia se submete a Seixas, implorando seu perdão e declarando todo seu amor, “— Pois bem, agora ajoelho-me eu a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor, este amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te”. (ALENCAR, 2006, p. 259). Revelando-lhe um testamento que escrevera no dia de seu casamento, nele estava escrito toda sua confissão de seu amor, e passando toda sua fortuna a ele. O amor entre os dois se

consoma e eles deixam se envolver, tem sede um do outro, então o casamento é restaurado, são agora casal de eternos amantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso do estudo, percebe-se que para estudar a representação social da mulher no romance, foi preciso analisar e respeitar toda estrutura literária da obra, observando os elementos essenciais que devem ser explanados, como os problemas sociais, o amor romântico que era valorizado pelas mulheres, tal como aparece por meio da personagem Aurélia que sonhava em se casar. Também foi possível observar a crítica do autor em relação à sociedade burguesa, que era baseada em aparências, sobretudo no que diz respeito ao casamento por interesse econômico.

Com isso, analisando o romance, percebe-se que existia uma educação romântica que era ensinada às moças na época, no intuito de serem educadas para o casamento, serem boas esposas e mães, cuidadoras das coisas domésticas.

Embora fossem as mulheres ricas e burguesas que possuíam esses requisitos, as de condições menos favorecidas não tinham os mesmos privilégios, como vimos através das outras personagens femininas do romance, Nicota Seixas e Mariquinhas Seixas, que viviam exclusivamente para o trabalho, eram pobres e não recebiam essa educação romântica de sua mãe, pois ela sabia que suas condições não permitiam, seria quase impossível para elas encontrar pretendentes. Nota-se, que existe uma diferença muito grande em relação à classe social dessas mulheres. Isso transparece muito bem no romance, através do comportamento das personagens Aurélia Camargo e Adelaide Amaral, duas moças de classes distintas, uma possuía bens e um bom dote, enquanto a outra, nada além do amor, que conseqüentemente sofrera a decepção por esse sentimento não ter sido retribuído. Apesar de ter uma educação voltada ao amor romântico, Aurélia não pôde se casar senão quando enriqueceu e pôde enfim pagar um dote.

Existe uma reviravolta no romance, que representa uma tomada de posição

a favor do amor romântico. Neste sentido, o autor vira partidário dele, apesar de passar o tempo todo no romance criticando esses costumes da sociedade. No final, o amor acaba vencendo todas as barreiras sociais.

Por conta disso, Aurélia pode ser considerada como uma heroína romântica, devido a ter passado por diversas situações em sua vida, pobreza, decepções, traição, o orgulho, até vencer todas as adversidades. Sendo assim, as mulheres que liam um romance como esse poderiam até desenvolver o senso crítico da realidade, mas poderiam, também, idealizar o amor e querer se casar, pelo fato de acreditar que romântico vence tudo. Portanto, este livro mantém uma relação ambígua com a questão do amor romântico, pois ao mesmo tempo em que faz uma crítica ao casamento por conveniência, mesmo assim ele mostra que, apesar disso, é possível haver o amor romântico, como mostra o final de Fernando Seixas e Aurélia.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. M, de, **Senhora**. 34 ed. São Paulo: Ática, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. Crítica e sociologia, a literatura e a vida social e estímulos da criação literária. *In:* _____. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro, 2006. p. 13-51.

D' INCAO, Maria Ângela. **Mulheres e famílias burguesas**. *In:* Mary Del Priore- (Org.). História das mulheres do Brasil. São Paulo: Editora contexto, 2004. p. 234-250.

BORGES, Valdeci, Rezende. Gênero e mercado matrimonial em senhora de José deAlencar. **Projeto história: Revista do Programa de Estudos PósGraduados de História**, [S.l.], v. 45, mar. 2014. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/revph/article/view/15016/11210>. Acesso em: 05 mai. 2020.

TAPIOCA NETO, Renato Drummond. **A sociedade de Corte e a representação doromance senhora 1875**. Rio de Janeiro: UESC, 2014. (Comunicação oral) Disponível em: <https://googleweblight.com/i?u=https://rainhastragicas.com/2014/01/24/a-sociedade-de-corte-e-a-representacao-da-mulher-no-romancesenhora-1875/&hl=pt-BR>. Acesso em: 17 mai. 2020.

AGUIAR, Hellen Cristina Silva; COSTA, Sueli Silva Gorricho. **A construção da personagem Aurélia Camargo, na obra Senhora, de José de Alencar** Disponível em: [///C:/Users/Fonsecas/Downloads/DialnetAConstrucaoDaPersonagemAureliaCamargoNaObraSenhora-4039490%20\(3\).pdf](///C:/Users/Fonsecas/Downloads/DialnetAConstrucaoDaPersonagemAureliaCamargoNaObraSenhora-4039490%20(3).pdf). Acesso em: 07 jul. 2020.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad: **Senhora**: a mulher que soube construir sua liberdade e a essência de uma grande paixão: *In:* ALENCAR, J. M, de, **Senhora**, 34 ed. São Paulo. 2006. p. 7-11

CANDIDO, Antonio. **Os três Alencares**. *In:* _____. Formação da literatura Brasileira: momentos decisivos. Vol. 2. 6. edição. Belo Horizonte: Ediora Itatiaia Ltda, 2000. (Coleção reconquista do Brasil. 2ª série; vol 1). p. 201-208